

## Seminário do Paganada - Março de 2007

### **NÓS NÃO VAMOS PAGAR NADA. UNIFICANDO DIFERENTES PRA FAZER A DIFERENÇA!**

*José Rodolfo,*

***“Odeio os indiferentes também, porque me provocam tédio as suas lamúrias de eternos inocentes. Peço contas a todos eles pela maneira como cumpriram a tarefa que a vida lhes impôs e impõe quotidianamente, do que fizeram e, sobretudo do que não fizeram. E sinto que posso ser inexorável, que não devo desperdiçar a minha compaixão, que não posso repartir com eles as minhas lágrimas. Sou militante, estou vivo, sinto nas consciências viris dos que estão comigo pulsar a atividade da cidade futura que estamos a construir”.***

***A.Gramsci***

O movimento estudantil brasileiro assumiu no século XX um papel de protagonismo nas lutas sociais. A campanha “O petróleo é nosso” (1947-50) foi o primeiro grande momento histórico do movimento estudantil brasileiro atuando como eixo ordenador da União Nacional dos Estudantes. Campanha esta que assinala pela primeira vez na entidade uma posição anticapitalista.

A fundação da UNE possuía bases de despolitização mesmo que esta tivesse caráter progressista e que uma leitura de esquerda na entidade tenha sido amadurecida paulatinamente. A UNE e o conjunto do movimento estudantil assumiram preponderantemente ao longo de sua história um caráter de entidade atrelada a construção de um novo projeto de desenvolvimento para o país, mesmo que isso não fosse uma constante. De 1950 a 1956 por exemplo, a UNE foi dirigida pelo grupo de direita “Aliança Libertadora Acadêmica” ligada a UDN (União Democrática Nacional).

A história da UNE é repleta de campanhas que ultrapassaram os muros da Universidade: O petróleo é nosso, campanha contra o aumento dos Bondes (1956), contra as multinacionais (1957), Contra o estado novo, pelo fim da ditadura, diretas já, fora Collor, fora FHC, etc...Vale ressaltar esse elemento para um balanço adequado, em termos de cultura política, da maioria do movimento estudantil hoje.

A rearticulação da UNE na década de 80 após muitas mortes nos porões da ditadura recolocou a entidade em papel central no cenário político brasileiro. Nesse momento a UNE começa a contar com novos parceiros para a construção da luta, surgidos na grande efervescência que foi a década de 80. Os parceiros maiores e mais centrais, a CUT nascente e o MST, constituíram relação orgânica na disputa por uma nova hegemonia na sociedade brasileira. Para além dos caras pintadas e do “fora Collor” muito ocorreu sob a década de 90 na UNE. A consolidação da hegemonia da UJS através do controle burocrático da entidade e da instauração da carteira da UNE como obrigatoriedade para meia-entrada foram os fatos de maior relevância.

Na década de 90 a disputa política da UNE toma novos rumos, o debate programático em termos apenas das bandeiras a serem defendidas se ampliou para um debate em torno da forma e do programa do movimento estudantil brasileiro. A maior parte da esquerda da UNE nesse momento percebe que não se trata apenas de modificar a direção da UNE para se resolver os problemas do movimento estudantil (ME), cada vez mais em refluxo e com graus de despolitização ascendente. A UNE das grandes campanhas havia sido substituída pela UNE dos grandes congressos, com megashows e pouco debate político.

Os congressos da UNE se converteram nos últimos 17 anos sob domínio da UJS em espaços despolitizados que apenas legitimam uma hegemonia política construída sobre as mais diversas estruturas que não a construção autônoma do ME. A disputa que noutros momentos se dava a quente no debate político na base, cada vez mais se tornou a disputa por quem tem mais grana para pagar ônibus. A intervenção da esquerda também foi tomando caráter complicado.

Nas últimas décadas de ME, além do controle das estruturas, a hegemonia da UJS se deu por diversos fatores, entre eles pela capacidade de acomodação do discurso que essa juventude demonstrou diante do avanço neoliberal. Para exemplificar, não é de hoje que a política cultural da UNE é atrelada a rede globo de TV, a exemplo de um festival de música realizado em 2002 pela entidade para a rede filmar uma de suas novelas.

O crescimento da rede privada de ensino superior em ritmo acelerado foi outro fator que contribuiu em muito para a atual situação do movimento estudantil, só para se ter uma idéia o contingente de alunos em 2003 dividia-se entre as instituições públicas e privadas na razão de 31% para 69%, respectivamente, em 1995 essa razão era de 39% para 61%. A mudança de base operada pela UNE não refletiu uma ampliação da base militante no movimento estudantil, mas uma tática da UJS/PC do B no sentido de neutralizar a oposição de esquerda na entidade. Para tanto, o campo incorreu na flexibilização do seu discurso de forma cada vez mais acentuada.

A isso, soma-se a reprodução da lógica burocrática de movimento estudantil, da hierarquia do levantamento de crachá por vários setores da esquerda da entidade e a extrema fragmentação, fruto do fenômeno de crise das esquerdas após a queda do muro de Berlim, que atuam na contramão da construção de unidade de ação nas lutas entre as forças e nos mais diversos setores.

A falta de unidade entre diferentes concepções impossibilitou a produção de novas sínteses para o momento histórico que vivemos e contribuiu para acomodações da esquerda em torno de mitos do neoliberalismo. Um deles foi a instauração de um novo padrão normativo no estado que o tornaria muito mais permeável, argumento esse incoerente com o seu encrudescimento, mas legitimado no Brasil pelos efeitos ainda existentes das diversas conquistas democráticas da década de 80.

### **A emergência da nova cultura política - "o novo (nem) sempre vence"**

Parte da esquerda da UNE, a partir do diagnóstico de progressivo afastamento da entidade do que se espera de uma ferramenta para a construção de uma nova sociabilidade, identificou na cultura política vigente, reproduzida pelo movimento estudantil presente na UNE, o problema central para a construção de um movimento estudantil que opte pela transformação. É importante salientar que cultura política é mais que a forma da política, que o tom do debate, que a cor da camisa, que um tambor ou "fumaça amarela", mas, sobretudo é a construção de um novo padrão de valores relacionais e ideológicos no intento de ultrapassar a cultura política atual, geradora de consensos em torno de uma sociabilidade de opressão e exploração. Acredita-se que esta nova cultura não brota da mente de um novo dirigente de uma nova esquerda, mas de uma coletividade em exercício incessante de novas sínteses. Nas palavras do filósofo italiano Antônio Gramsci:

***"Criar uma nova cultura não significa apenas fazer individualmente descobertas originais, significa também e, sobretudo, difundir criticamente verdades já descobertas, "socializá-las" por assim dizer; e, portanto, transformá-las em base de ações vitais, em elemento de coordenação e ordem intelectual e moral."***

Uma nova cultura política no movimento estudantil redireciona a concepção de movimento estudantil para novas bases. Abaixo o que considero essencial nessa concepção de movimento que nosso coletivo adota ainda hoje:

**- Um movimento estudantil engajado, para além do corporativismo no debate de educação.** Apesar de identificar no debate de educação o elemento de coesão e legitimação central no movimento estudantil, a construção de uma nova cultura política implica ampliar as pautas do movimento para além de bandeiras corporativas. O desenvolvimento de parcerias entre o movimento estudantil e outros movimentos sociais e a reflexão crítica da totalidade social são essenciais para essa ampliação das bandeiras que extravase **o movimento estudantil para além dos muros** dos muros da universidade.

Essa postura engajada no espaço onde se formam novos trabalhadores e se forjam novos conhecimentos é essencial para a disputa por uma sociabilidade onde o ser ultrapasse o ter, a partir da auto-organização de oprimidos e explorados e para a demarcação de um projeto alternativo de sociedade sem exploração e opressão.

**- Um movimento estudantil combativo**, na defesa da liberdade sem pedir licença. A resposta ao marasmo neoliberal não é, portanto, a adequação do discurso a despolitização e desmobilização reinantes, ao contrario, é a afirmação de nossas bandeiras históricas, buscando demonstrar a sua pertinência na vida das pessoas através das mais diferentes formas.

**- Um movimento estudantil autônomo e democrático:** são elementos fundamentais para viabilizar a mais ampla mobilização de massas. Uma pratica política coerente com o projeto de sociedade que defendemos: auto-organização dos oprimidos e explorados e emancipação dos mesmos. Diante disto o movimento estudantil não deve servir de correia de transmissão para correntes, partido,

movimentos e organizações externas a sua realidade, sendo autônomo em relação a partidos, governos e reitorias e onde quem decide sobre seus rumos são os estudantes que atuam nesses movimentos.

- **Autonomia** não implica em rejeitar o acúmulo que os partidos, movimentos e organizações políticas da esquerda oferecem como instrumentos importantes para construção da luta dos oprimidos e explorados, e muito menos perseguir ou impedir a plena participação de militantes organizados no movimento. Ao contrário, autonomia requer o mais amplo respeito à pluralidade de posições e opções organizativas, inclusive a opção de não estar organizada, cuidando para que os próprios fóruns do movimento estudantil definam seu futuro e não grupos e organizações externas a esse movimento.

- **Democracia.** A defesa de um mundo radicalmente democrático passa pela defesa de um movimento estudantil democrático e principalmente pela existência de uma prática democrática de movimento estudantil. Uma prática democrática de movimento estudantil está vinculada também à ousadia de demonstrar às pessoas que elas podem e devem interferir nos rumos da história de que elas participam, fomentando o debate nas bases através de espaços de democracia direta como assembléias aliado a uma preocupação de não subrepresentar ninguém.

- **Um ME democrático** deve levar em consideração as dificuldades enfrentadas pelo conjunto dos estudantes para participar do movimento estudantil, tais como dificuldades econômicas, de tempo (ocasionadas por situação econômica muitas vezes), dificuldades de expressão em público, etc... Além disso, é preciso construir estruturas horizontais de gestão, rechaçando hierarquias do tipo presidencialista em nossas entidades, esforçando-se na construção do método de “Voz, voto e ação” para todo o estudante que ingresse em entidade de base.

-**Um ME antimachista.** Um movimento estudantil que combata a opressão sobre as mulheres deve, para além do discurso, transpor em sua prática um combate radical a opressão de gênero. Para tal, a relação com o movimento feminista transversal ao movimento estudantil deve atuar no sentido de transpor as pautas das mulheres, historicamente oprimidas e super exploradas na ordem capitalista, para o movimento e instaurar uma lógica geral menos opressiva em relação.

- **Um ME anti-racista.** A realidade das universidades é profundamente atingida pela opressão aos negros e negras. Desde a composição até o espaço ocupado pelos negros na Universidade. Um problema que atinge a sociedade brasileira como um todo. No ensino fundamental brasileiro, pretos e pardos representam 53,2% do total de alunos e os brancos são 46,4%, enquanto no ensino superior a proporção de pretos e pardos é de 17,6% e a de brancos é de 81,5% (segundo os dados do IBGE tabulados pelo INEP de 2001). Esta realidade extremamente excludente já impõe uma demanda ao movimento estudantil que é a pouca expansão deste debate em nossas universidades, já que a maioria dos atingidos por esta opressão está excluída do espaço da Universidade.

A realidade do movimento estudantil é ainda mais brutal, basta observarmos a quantidade de militantes negros e a pouca relevância que a questão étnico-racial assume em nossa prática cotidiana. O fenômeno de “branqueamento” (que consiste na adoção de padrões brancos pela raça negra) é reforçado por uma prática de movimento que não põe em xeque esta questão e continua atribuindo ao debate setorial de negros, defensivamente o ônus da divisão, acusando a militância negra de racismo inverso. “Isso é racismo, defender cotas, porque separa”, como se já não houvesse uma cisão entre os que são oprimidos e os que não são, assim toda reação que enfrente o mito da igualdade racial é tida como separatista.

A necessidade de ampliação deste debate no movimento estudantil está relacionada ao modelo de universidade e de sociedade que queremos construir. A opressão étnica não está apenas relacionada à exploração econômica, o que se observa pela diferença brutal entre os padrões econômicos e étnicos da universidade brasileira. O fenômeno racista em nossa sociedade, infectada pelo mito da igualdade racial, está vinculado também a questão identitária e as mais diversas trocas valorativas que legitimam diariamente uma violência simbólica aos homens e mulheres afro-descendentes. Um dado para análise deste fato é que nas últimas gestões do DCE-UFF @s militantes negr@s sempre foram poucos.

- **Um ME anti-homofóbico.** A opressão a lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros é também elemento a ser enfrentado pelo movimento estudantil e que corrói profundamente a construção do movimento como espaço de experiência democrática. Pense rápido em alguns comentários pejorativos entre as forças políticas e talvez você veja isso com mais clareza. A relação que o movimento estudantil estabelece com o movimento LGBT é ainda precária para quem considera importante o enfrentamento desta questão.

- **Um ME ambientalista.** É essencial que o movimento estudantil esteja engajado na construção de um novo padrão de relação com o meio ambiente na nossa sociedade. O capital tem nos imposto faz décadas seus nefastos padrões de degradação ambiental e parte da construção de uma nova cultura política é a afirmação disto e a denúncia deste sistema de morte.

- **Um ME plural, horizontal, autônomo e democrático.** Em suma, a defesa de uma nova cultura política abarca uma radicalidade, no sentido de ir a raiz dos problemas, que concebe os problemas do movimento estudantil para muito além da direção da UNE, são problemas de cultura política, que orbitam em torno da concepção de movimento estudantil defendida e praticada pela maior parte das forças políticas do ME.

**"A nova cultura virou fumacinha amarela?!"**

***Aqueles que regressam  
que lhes importa  
vossas tristezas?  
Que falta lhes faz  
a franja de alguns versos?  
Basta-lhes um par de muletas  
com que renguear pelo resto da vida.  
Tens medo?  
Covarde!  
Te matarão!***

***Maiakovsky***

O início do governo Lula marca um novo ciclo para a esquerda e para o conjunto dos movimentos sociais brasileiros. Uma série de processos em aberto é concluída e o seu fim não foi o melhor fim possível. A ascensão do governo lula representou um novo impasse na construção efetiva de uma nova cultura política e de uma sociedade radicalmente diferente.

Os ataques dirigidos às conquistas históricas dos trabalhadores e dos estudantes no Brasil não tardaram, no primeiro ano a reforma da previdência, depois a reforma universitária e as diversas políticas do atual governo que atacam direitos e conquistas históricas dos movimentos sociais. O primeiro momento no movimento estudantil foi de crise na esquerda, já que parte dos campos que defendiam uma "nova cultura política no movimento" foram engolidos pela força centrífuga do campo governista, contudo a guinada destes campos para a concepção de movimento estudantil a que se opunham não foi um processo pacífico e muito menos um processo consensual nestes campos.

Muitos estudantes e lutadores da esquerda em geral se desiludiram por sentirem-se órfãos diante da traição de antigos companheiros e outros tantos travaram e travam até hoje a disputa por um referencial de construção de uma nova cultura política no movimento estudantil. O último CONEB (Conselho Nacional de Entidades de Base) coroou a guinada da maioria dos campos que defendiam uma nova cultura política no movimento estudantil para o campo atrelado ao governo, triturando a defesa histórica de autonomia do movimento estudantil, chegando ao limite de defenderem a votação indireta para presidente da UNE que sempre combateram no interior da entidade.

Esse CONEB demonstrou claramente que para alguns setores a defesa de uma nova cultura se converteu na defesa de um movimento estudantil "fofinho" com tambores legais e fumaça amarela na bancada.

A construção de grande parte dos coletivos de movimento estudantil que foram coerentes na defesa programática em torno de conquistas e direitos não era baseada na defesa de uma nova cultura, entre estes setores figuram a CONLUTE (Coordenação Nacional de Luta dos Estudantes). A CONLUTE surge da movimentação sectária do PSTU e tenta se apropriar da luta contra a reforma a partir do isolamento, ou seja, através da ruptura com a UNE aproximar-se dos lutadores e lutadoras que primeiramente completaram sua experiência com o governo lula. Outros que não se diferem muito são alguns dos nossos aliados esporádicos na construção do movimento, isto devido à dificuldade de aglutinação que o conjunto da oposição de esquerda tem sofrido na UNE.

O "Nós não vamos pagar nada UFF" surgiu como barricada na defesa de uma nova cultura política e construção de luta política autônoma e temos experimentado uma série de coisas ao nível nacional que acredito oferecem, hoje, maior suporte para a definição de nossas posições. Algumas das nossas experiências foram a construção da tese "A luta é que nos UNE" e da tese "YA BASTA" no congresso nacional da UNE (CONUNE) de 2005 e no CONEB de 2006 respectivamente.

**"Quem não se movimenta não sente as cadeias que o prendem"**

***A luta não é luto, é nascimento.***

***Tenho pena de quem nunca teve essa prática de convívio.***

***Viva a nós e a uma humanidade mais humana, mais justa e, por que não, mais poética.***

***Que todos aqui têm algo em comum e que as diferenças devem ser encaradas com mais sensibilidade.***

***Trecho do poema escrito em nosso 1º seminário do coletivo.***

Para melhor delinear nossa tática para o movimento nacional, acredito que seja muito importante realizar um balanço de nossa atuação nos espaços nacionais em que já atuamos e demonstrar perspectivas de fóruns permanentes em que temos participação.

## **Nossa tese para o Congresso Estudantil da UFF - 2006**

# **Nós Não Vamos Pagar Nada!**

**Por um movimento estudantil autônomo, plural e combativo**

Quem tem consciência para ter coragem  
E ter a força de saber que existe  
E No Centro Da Própria Engrenagem  
Inventa a Contra-Mola Que Resiste  
Quem Não Vacila Mesmo Derrotado  
Quem Já Perdido Nunca Desespera  
E Envolto Em Tempestade Decechado  
Entre Os Dentes Segura A Primavera

### **Movimento Estudantil**

Movimento Estudantil para nós é plural. Expressa-se de vários modos na nossa vida cotidiana. Entre os estudantes há uma diversidade de grupos e diferentes prioridades de intervenção e opiniões distintas. O movimento estudantil não se limita aos Diretórios e Centros Acadêmicos, DCE's, e muito menos a forças políticas que atuam dentro do movimento estudantil. Sendo assim, consideramos parte do movimento estudantil, todo intento de organizar e mobilizar os estudantes em torno de determinado projeto de universidade ou de sociedade, inclusive as entidades como CA's e DA's. Consideramos que as diversas formas de atuação que avancem para além da defesa de interesses corporativos e que não quer de forma alguma prescindir do necessário combate a toda forma de opressão e exploração. (coletivos de cultura, gênero, etnia...) têm a mesma importância para operar as transformações sociais que preconizamos.

Nesse congresso estudantil, temos a chance de interferir ativamente na forma de se conceber o movimento estudantil de nossa universidade e de formular conjuntamente proposições que sejam capazes de reverter o marasmo em que muitas vezes nos encontramos. Queremos ultrapassar a fragmentação e a forma fratricida de realização da disputa de idéias em nossa universidade.

Hoje a maioria dos movimentos sociais vive grande impasse e no movimento estudantil não é diferente. A já flagrante falta de autonomia dos movimentos sociais frente a partidos e organizações políticas aflorou com maior intensidade pela polarização fruto da divergência

entre os que acreditam que hoje a tarefa central do movimento é defender o governo e o restante do movimento. Nas entidades de movimento geral isso ficou bem claro, a ver pelo exemplo de nossa entidade representativa nacional, a UNE, e a sua política de defesa do governo, mesmo quando esse se contrapõe aos interesses dos estudantes. Para esses os fins justificam os meios, acreditam que esse governo é bom e fazem o que for possível para defendê-lo. Uma alternativa de construção de um movimento autônomo tem sido feito através da organização dos estudantes em seus cursos. Os encontros de área com suas formas inovadoras e flexíveis têm atraído milhares de estudantes para o debate. As executivas de curso se configuraram em espaço central protagonizando momentos importantes como o boicote ao Provão de FHC, e mais recentemente a luta por um modelo de avaliação democrático diferente do que atualmente é o ENADE (Exame Nacional de desempenho no Ensino, uma avaliação ranquiadora como o Provão) e na resistência contra essa reforma universitária que como está apresentada mercantiliza a educação. As executivas têm defendido um modelo de universidade diferente, com mais verbas, debate democrático e autonomia didático-científica, entre outras coisas.

O Movimento de área, que ultimamente tem preenchido em muito o papel que devia ser da UNE, de conduzir com autonomia as lutas gerais dos estudantes brasileiros, é imprescindível para a disputa de rumos da sociedade, e não pode nem deve ter um fim em si mesmo ou no movimento geral servindo de correia de transmissão de correntes de oposição a UNE. É preciso que construamos saídas alternativas ao imobilismo e adesismo da UNE sem repetir suas práticas aparelhistas nas executivas de curso.

Pois bem, para nós o central é a contraposição à forma aparelhista e autoritária de conduzir as entidades e os movimentos, pois é essa forma antidemocrática de representação e direção que norteia a maior parte da militância do movimento estudantil hoje. Para nós também não existem soluções relâmpago. Não julgamos adequadas rupturas pirracentas com nossas entidades históricas sem debate mais profundo.

Estas acabam servindo mais pra fragmentação da parte crítica do movimento estudantil que para o combate aos aparelhismos de partidos e governos. Acreditamos que é central unificar a parte crítica do movimento estudantil, com autonomia e disposição para construir consensos. Experiências desse porte vêm se desenvolvendo em diversos DCE's executivas de curso e na Frente de Oposição de esquerda na UNE, tocando as lutas dentro das universidades, nos encontros estudantis, nas praças, ruas e em todo lugar.

Não acreditamos no movimento estudantil que adere aos projetos do governo acima de tudo e muito menos acreditamos no "Contrismo" de quem é contra tudo e todos. O movimento que queremos e fazemos é propositivo. Deve sempre formular novos caminhos e estratégias para construir universidade e país melhores com a devida flexibilidade para compreender a complexidade dos processos em que estamos inseridos.

Outras formas organizativas que recentemente tem tomado vulto no movimento estudantil:

- Coletivos de mulheres Reunindo estudantes mulheres no combate ao machismo estes coletivos se multiplicaram Brasil a fora, combatendo tanto o machismo dentro do ME quanto na sociedade como um todo. Em 2005 aconteceu o primeiro encontro de mulheres da UNE, que apesar da tentativa dos setores majoritários na entidade pontuou debates combativos discutindo a luta contra o machismo de forma contextualizada e séria

- Coletivos de negros e negras: Tem sido fundamentais no aprofundamento do debate sobre a questão racial, carece portanto de maior articulação com outros grupos.

- Coletivos de diversidade sexual: Ganham maiores proporções e iniciaram sua ampliação a partir da experiência do ENUDS (Encontro Nacional Universitário de Diversidade Sexual) a

partir de 2002, o último ENUDS ocorreu na UFF com atuação do grupo diversittas e do DCE na sua organização.

- Coletivos Ecológicos: Em diversas universidades grupos que lutam contra a exploração predatória fruto da mercantilização da natureza e da vida tem atuado. Na UFF o grupo “Questão ecológica” cumpriu por um tempo esse papel.

- Coletivos de cultura: Não é algo tão recente mais tem ganho um vulto abandonado desde o tempo dos CPC´s através da instauração de grupos que discutem e fazem arte em todo o país , participando dos festivais de arte assim como da Bienal de cultura da UNE, que infelizmente cumpre papel muito inferior ao que foram os CPC’S, a arte engajada é geralmente independente, e nem sempre mantêm relação com as entidades do ME.

Nós estamos dispostos a construir um movimento estudantil que atenda a toda a diversidade existente entre os estudantes e todas as demandas estudantis. Cada estudante deve se sentir parte do Movimento Estudantil e também do DCE. É preciso então que encaremos práticas maléficas a um movimento plural que aceite as divergências e as resolva pela discussão democrática.

1) “A boa e velha conversa de forças”- muitas vezes decide o futuro do movimento estudantil, passando por cima do debate democrático.

2) “Papo de homem pra homem”- O movimento estudantil reproduz o machismo em seus espaços de forma desenfreada.

3) “Eu sou mais eu sigo adiante, romper com tudo e até com o estudante” – divisionismos e sectarismos não nos ajudam nesse momento, precisamos unificar todos os que não se venderam por um cargo no governo e ampliar.

4) “Eu já falei vou repetir”- Acreditamos que o movimento estudantil precisa muito mais de propostas que de palavras de ordem, isso é muito importante para lembrar sempre. Essa pequena contribuição não pretende responder as questões do ME atual mais levanta-las e propor método de superá-las, espero que ajude a construir o ME autônomo e de luta que preconizamos.